

## ENTREVISTA - Armínio Fraga Neto

FOLHA 18/02/2001

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse à Folha que acelerar demais a economia pode levar a uma "derrapagem, uma colisão, uma ressaca, que nós temos de evitar". Armínio comentava os últimos números divulgados recentemente que apontam uma aceleração da atividade econômica do país. Ele não acredita, porém, que esteja ocorrendo uma "situação de superaquecimento" da economia brasileira, que teria levado o BC a suspender o ritmo de queda dos juros. "Mas temos de acompanhar."

Na avaliação do presidente do BC, o país tem condições de registrar um crescimento de 5% do PIB neste ano sem gerar "um acidente", como a volta da inflação.

Ao comentar as disputas comerciais, como a que o Brasil trava com o Canadá, ele disse que o país tem de se preparar para "uma briga que acontece no escuro, com cotovelada e canelada". Dois anos depois de assumir o BC, ele evita responder diretamente se aceitaria continuar no banco caso um candidato de oposição vencesse a próxima eleição presidencial. "É uma pergunta difícil de responder."

Armínio disse que acompanhou com "certa ansiedade" a disputa pelas presidências da Câmara e do Senado, na qual o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) saiu derrotado. ACM e Armínio se conhecem. O senador baiano ajudou-o na época de sua sabatina no Senado, quando foi criticado por ter trabalhado para o megainvestidor George Soros.

O presidente do BC falou à Folha no Rio, onde faz questão de estar todas as quintas-feiras para um compromisso familiar: jantar às 20h30 com a mulher Lucyna e os dois filhos. "Isto é uma opção de vida, gosto da minha família. É algo que me faz muito bem, me dá um certo abrigo." Nos fins-de-semana, gosta de praticar seu golfe. Reclama de não ter tempo para se dedicar a trabalhos voluntários, que já desenvolveu antes de entrar no governo, principalmente nas áreas de microcrédito e ambiental. "Quando sair do governo, pretendo voltar a me dedicar a essas questões."

A seguir, trechos da entrevista, na qual procurou falar pausadamente, escolhendo as palavras, sempre que falava de temas políticos. "Não é a minha praia."

**Folha** - A decisão do Banco Central de manter os juros inalterados, em 15,25%, tem relação com o nível de atividade da economia? O BC está com receio de que o ritmo da economia esteja numa velocidade que possa comprometer a meta de inflação deste ano, de 4%?

**Armínio Fraga** - Os sinais que estamos vendo da economia não apontam nesta direção. A economia tem, de uns tempos para cá, começado a investir mais. E os setores que apresentam gargalos são justamente aqueles em que se começa a ver mais investimentos. O nível de atividade de dezembro, da produção industrial, chamou a atenção de muitos analistas, inclusive do BC. Mas não é claro que isso represente uma situação de superaquecimento. Nós temos de olhar outros indicadores. Mas o questionamento que alguns fizeram vem daí. Ainda temos sinais claros de uma trajetória equilibrada. Temos de acompanhar.

**Folha** - Diante dos novos números sobre a atividade econômica brasileira, de dezembro e janeiro, está mantida a previsão de um crescimento de 4,5% do PIB neste ano?

**Armínio** - Nós continuamos trabalhando com 4,5%.

**Folha** - O sr. chegou a falar 5%?

**Armínio** - Estava falando em faixas, de 4% a 5%. A nossa preocupação é com a trajetória da inflação. Se for possível atingir um patamar de crescimento mais alto, sem prejuízo da manutenção de um ambiente estável, previsível, no campo da inflação, isso nos dará enorme prazer. Como sabemos o que foi a loucura da década de 80, início da de 90, nós temos hoje a consciência de que acelerar demais acaba levando a uma derrapagem, uma colisão, uma ressaca, que temos de evitar. Porque isso, no fundo, acaba reduzindo a taxa de crescimento na média. Então, um pouco do nosso desafio é testar esses limites de velocidade, que não são limites dados matematicamente, não é uma fórmula.

**Folha** - Então, a idéia do BC é que 4,5% de crescimento do PIB é sustentável neste ano?

**Armínio** - Sem dúvida.

**Folha** - E acima disto, ainda não é possível?

**Armínio** - Sinceramente, não posso responder a essa pergunta. Temos que ir testando essas relações. Isso não é uma coisa matemática. Nós desconhecemos qual é exatamente o potencial de crescimento da economia.

**Folha** - Como assim?

**Armínio** - Hoje temos essa visão de que 4,5% dá. E não gera mais adiante um acidente. Mas nós precisamos avançar.

**Folha** - Avançar em quê? Quais são nossos limites de crescimento?

**Armínio** - Se conseguirmos elevar a nossa taxa de investimento e poupança...

A de investimento está em torno de 19%. A de poupança, em 16%. As duas teriam de crescer. Aumentar nossa taxa de investimento e de poupança depende da preservação de um ambiente macro e microeconômico favorável. É o que procuramos fazer. Previsibilidade, queda da taxa de juro real, maior abertura da economia, um Estado que poupe e viva dentro das suas contas. Depois temos as questões ligadas à produtividade. Significa obter mais produto com o mesmo estoque de capital. E do lado da produtividade temos, primeiro, a educação. Ela aumenta a produtividade do nosso cidadão, além de melhorar a distribuição de renda. E temos outras questões ligadas à produtividade, que tem a ver com tecnologia, eficiência, métodos e cultura gerenciais. Tem muito coisa que dá para fazer por aí.

**Folha** - O que é preciso fazer com urgência para o Brasil romper os limites a um crescimento elevado?

**Armínio** - Em primeiro lugar, a manutenção da política de educação do presidente Fernando Henrique. O país precisa disso durante décadas. Essa foi uma das grandes guinadas do governo. Depois, das coisas que estão sendo discutidas hoje, a reforma tributária, para simplificar o sistema. Temos ainda de continuar a explorar nosso potencial na nova economia, que depende

da educação mais uma vez. E depende de nós pensarmos toda a área da tecnologia. A privatização das telecomunicações tem ajudado tremendamente nessas áreas.

**Folha** - Nas telecomunicações estamos avançando. Mas, no setor de energia, o gargalo continua e é um limite importante ao crescimento?

**Armínio** - No momento, não é.

**Folha** - Mas com um crescimento acima de 4,5%...

**Armínio** - Algum investimento vem acontecendo. E o governo tem consciência da importância de lidar com esse gargalo. Outro lado é o do custo do capital. São questões como o mercado de capitais, a governança corporativa, a CVM, a Lei das S.A., a Lei de Falências. São temas que precisam ser resolvidos logo para reduzir o custo do capital no país.

**Folha** - Alguns destes temas, como reforma tributária e Lei das S.A., dependem do Congresso. Como estamos entrando em período eleitoral, o sr. não acha que isso pode dificultar a solução destes problemas, que permitiriam ao país superar um crescimento de 5%?

**Armínio** - É possível que isso ocorra. Espero que não. Hoje, eu tenho uma visão positiva deste processo. Estamos vendo que a coisa virou, a economia dá sinais muito positivos, gerando empregos, investindo. Então, eu quero crer que haja um interesse amplo da sociedade em preservar esta trajetória. Veja só, nós crescemos, nos melhores anos, nas décadas de 60 e 70, 4,5% do PIB "per capita". Tem de olhar o PIB "per capita", porque parte do crescimento é meio que vegetativo. Eu creio que, com essas reformas que nós discutimos aqui e com mais algumas, será possível repetir essa taxa de crescimento "per capita" durante um bom número de anos. Que daria hoje, com a população crescendo a 1%, uma taxa sustentável de 5,5%, que teria o mesmo impacto social dos 7% ocorridos lá atrás, quando a população crescia a 2,5%. Agora, sem prejuízo de, em alguns momentos, até crescer mais. A ver.

**Folha** - O sr. não colocou como limite a questão externa, o nosso desequilíbrio externo? Ainda dependemos do capital externo? O país não estaria repetindo um erro?

**Armínio** - Não é verdade. Tivemos um período em que muito do financiamento foi dinheiro de curto prazo, que hoje inexistente no nosso balanço. Isso é importante ter em mente. Em parte, a retomada do crescimento veio porque estamos sendo capazes de atrair investimentos de longo prazo.

**Folha** - Mas a curva desse nível de investimento é decrescente e, por outro lado, as remessas tendem a aumentar?

**Armínio** - Mas isso não é para médio prazo. É longo prazo.

**Folha** - Quantos anos?

**Armínio** - Estamos falando de décadas, não de anos. O país está abrindo um espaço de crescimento que há muito tempo não se via. Isso está começando ainda, esse ciclo está verdinho, verdinho. Mas temos de acompanhar. Não há nada de estruturalmente errado com nossa economia. E esse estímulo da depreciação cambial, a ser complementado por

uma reforma tributária, vai nos dar um balanço de pagamentos tranquilo. Você pode ter problemas conjunturais. Mas eu não vejo assim.

**Folha** - O sr. disse que é preciso aumentar o grau de abertura de nossa economia. O Brasil suporta mais uma rodada de abertura? Não seria melhor aguardar a Alca?

**Armínio** - Quanto à trajetória de abertura, está claro que aquele mundo em que a tarifa de importação era tudo não existe mais. Estamos lidando com um mundo muito mais sofisticado, em muitos casos mais sujo, uma briga....

**Folha** - Como a com o Canadá...

**Armínio** - Que acontece no escuro, com cotovelada, canelada. Temos que nos preparar para essa briga, que não necessariamente envolve a discussão tarifária.

**Folha** - Tem gente que diz que o sr. quer abrir a economia de qualquer jeito.

**Armínio** - A abertura selvagem não é uma proposta que possa ser levada a sério. Defendo, sim, uma determinada trajetória de abertura, compatível com as negociações em andamento.

**Folha** - Na sua visão, então, o patamar de proteção tarifária no país não é adequado ainda para entrarmos em uma Alca?

**Armínio** - A questão não é entrar aqui ou lá. É adaptar nossa economia às necessidades de eficiência e até, porque não dizer, de justiça. No fundo, é isso. E, com a taxa de câmbio a R\$ 1,99, a discussão é outra, não aquela que tínhamos há três, há cinco anos. Existem essas questões distributivas, quem vai ser protegido e quem não vai, que não podem ser deixadas de lado. Por que dar para um e não para outro? É preciso haver uma justificativa social muito clara.

**Folha** - Voltando à balança comercial, ela iniciou o ano muito mal. A virada não vai acontecer?

**Armínio** - Eu não extrapolaria os números de janeiro para o resto do ano. Parte da razão para que a nossa balança não tenha virado tem a ver com o fato de estarmos crescendo. Os países na Ásia que tiveram uma virada fantástica em suas balanças passaram por recessão, de queda do PIB de 5% a 10%. Fora isso, não há como se promover uma virada rápida.

**Folha** - Da forma que o sr. está avaliando, este ano não deve ser bom para a balança?

**Armínio** - Estamos olhando uma balança mais ou menos equilibrada neste ano. Mas bem financiada. O fato de isto estar acontecendo é o outro lado da moeda do crescimento. Para mim, está bom. É uma equação boa para o Brasil. Vamos lançar mão de um pouco mais de poupança externa, enquanto esse ajuste estrutural de reaparelhamento da nossa economia acontece, para crescer.

**Folha** - Sem risco de aumentar o buraco em nossas contas externas?

**Armínio** - Não. A nossa relação dívida externa/PIB é tranquila. De novo, se você olhar um ciclo de longo prazo, não representa uma ameaça. E isso está trazendo para o Brasil mais poupança, mais capital, mais tecnologia. Olha para esse número de produtividade.

Na década de 80, menos 0,8% ao ano. Na década de 90, mais 0,9%. Agora, mais 1,5%. Comparando esta década que se inicia com a de 80, é uma diferença de menos 0,8% para mais 1,5%. Ou seja, 2,3% do PIB a mais por ano só de produtividade. É um espetáculo. Então, essa coisa das contas externas, conjunturalmente elas podem gerar alguma ansiedade, mas não há nada de estruturalmente errado, não há o uso de recurso de curto prazo, que não é confiável.

**Folha** - Se a oposição vencesse a próxima eleição presidencial, e o sr. fosse convidado para ficar no comando do BC, aceitaria?

**Armínio** - Essa é uma pergunta muito difícil de responder. Eu não tenho pretensão de me perpetuar no governo. Não é saudável. Em princípio, as coisas têm de ser vistas dentro de um horizonte finito.

**Folha** - Mas o sr. está há apenas dois anos no BC, o que, para padrões brasileiros, é pouco. Não dá vontade de ficar para consolidar o que o sr. está implementando?

**Armínio** - Poderia ser. Mas, de novo, dentro de uma visão limitada e finita, que creio ser a correta.

**Folha** - E se o eleito for alguém indicado pelo presidente FHC?

**Armínio** - De novo, eu vou fugir um pouco da pergunta, porque eu só posso me meter em apuros se eu for personalizar a coisa. Eu procuro ver a situação mais do ponto de vista estrutural. Se houver o desejo da sociedade de estender nosso tipo de administração, se eu for honrado com um convite para ficar mais um tempo, é claro que eu vou considerar isso.

**Folha** - Como é o modelo de BC independente que o sr. defende?

**Armínio** - Em inúmeros países, nos últimos dez anos, seus parlamentos votaram leis novas para seus bancos centrais dando uma autonomia muito limitada. Governos de esquerda, de centro, têm votado esse tipo de lei, porque acreditam que isso é um bem público. O modelo que eu defendo é o modelo em que o BC cumpre uma função. O governo dá ao BC uma tarefa, ligada à meta de inflação, estabilidade do poder de compra da moeda e dá ao BC condições de perseguir esse objetivo.

**Folha** - O sr. tem relações com ACM. Como acompanhou a disputa pelas presidências da Câmara e Senado? Como a equipe econômica acompanhou e qual o receio de isso respingar na economia?

**Armínio** - Eu vi esse processo com certa ansiedade e espero, agora, que o Congresso comece a apreciar todos esses projetos que poderão colocar o país numa taxa de crescimento maior. O lado político e pessoal, prefiro não discutir. Não é papel meu opinar sobre esses assuntos. Só espero que as coisas voltem a funcionar bem. Porque o Congresso tem dado uma resposta muito clara e forte aos problemas do país.